

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO LEITOR COMPETENTE NO ENSINO MÉDIO E VESTIBULAR

Maria Aparecida dos Santos Almeida¹, Dr. Marco Antônio Villarta-Neder¹, MSc. Vera Lúcia Catoto Dias¹

^{1,2,3} Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Instituto Superior de Educação –ISE, Rua: Tertuliano Delphin Jr. 181, Campus Aquarius, São José dos Campos, SP
prof.cidinhasantos@yahoo.com.br; villarta@univap.br; vcatoto@univap.br

Resumo - O presente trabalho aborda a concepção do gosto pela leitura, de como e quando a leitura se dá por fruição e o perfil do bom leitor sob o ponto de vista dos alunos do Ensino Médio e do Vestibular. Com o objetivo de traçar as coincidências e divergências entre as duas visões. O assunto em estudo foi analisado qualitativamente, mediante a aplicação de um questionário semi-aberto a alunos de escolas públicas do estado, e análise de aspectos relevantes presentes nos manuais de vestibulares. Busca-se uma reflexão sobre o uso da leitura por fruição e a aplicação de gêneros não literários na escola, e como as práticas de leitura, únicas e obrigatórias podem desmotivar e interferir na leitura por fruição e a formação do bom leitor.

Palavras-chave: Gosto pela leitura, M Bakhtin, Ensino Médio, Vestibular

Área do Conhecimento: Humanas

Introdução

Este trabalho baseia-se na hipótese de que não existia uma conceituação sobre o bom leitor. Vimos que atualmente fala-se muito sobre uma importância da leitura e quais os benefícios trazidos por ela para aquele que se dispõe a entregar-se ao ato de ler na busca do conhecimento, da informação e da aquisição de um bom vocabulário, na criação de estratégias para motivar o gosto pela leitura, fazendo o aluno a gostar de ler.

O trabalho se fundamenta teoricamente com base nas obras de Mikhail Bakhtin sobre seus conceitos de dialogismo, polifonia e gêneros discursivos. Denominado por Todorov como uma das mais fascinantes e enigmáticas figuras da cultura européia do século XX, conforme descrito no prefácio da *Estética da Criação Verbal*, tornou-se um dos maiores pensadores deste século e um teórico fundamental da linguagem.

As idéias desse pensador russo foram conhecidas no Brasil a partir dos anos 70, provocando novas reflexões acerca da linguagem, possibilitando uma abertura de caminhos para discussões em diferentes áreas de conhecimento.

O dialogismo é o permanente diálogo entre diversas vozes configurando uma comunidade, uma sociedade, uma cultura. Mostrando que a linguagem é fundamentalmente dialógica e complexa, pois nela se imprimem de acordo com a história e pelo seu uso, as relações dialógicas da fala, ou seja, a palavra é sempre atravessada pela palavra do outro, significando que o enunciador, ao construir sua fala, leva em

conta à fala de outrem, que sempre se faz presente na sua.

BAKHTIN (2002) afirma a necessidade de considerar os enunciados como compostos de vozes que dialogam umas com as outras, e que servem para mostrar que não existe enunciado livre de interferências.

A partir desse confronto de vozes - explícitas ou implícitas - no interior de uma fala, Bakhtin dá o nome de polifonia. A polifonia é caracterizada por uma voz em destaque que suprimindo as demais fala mais alto, ou seja, quando essa voz entre as outras existentes no indivíduo se sobrepõe às suas convicções. É exatamente através desta forma de diálogo que é gerada a significação, que não é pronta, mas sim construída na interação.

Segundo BAKHTIN (2002), qualquer utilização da língua ocorre em formas de enunciados orais e escritos resultantes das esferas das atividades humanas.

Os gêneros discursivos são divididos segundo Bakhtin em primários, considerados simples e secundários considerados complexos.

Os gêneros primários do discurso, geralmente orais, se formam nas situações de comunicação, referem-se ao cotidiano imediato, à situação imediata em que são produzidos e onde é realizada e concretizada a atividade humana.

Os gêneros secundários do discurso aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita, como por exemplo, nas áreas artísticas, jurídicas, científicas, sociopolíticas, dentre outras.

Materiais e Métodos

Para colhermos as informações a respeito da opinião dos alunos, elaboramos um questionário semi-aberto com doze (12) perguntas relacionadas ao tema, das quais nove (9) questões são abertas e três (3) de múltipla escolha, que foi respondido por eles com o objetivo de levantar dados e a concepção dos alunos sobre o perfil do bom leitor.

A partir do questionário respondido passamos à fase de análise do corpus, lendo atentamente, relendo, refletindo e anotando os possíveis primeiros sinais do que estávamos buscando. Foi feito um detalhamento sobre a opinião de cada um dos alunos em cada resposta.

Resultados e Discussões

Ao responder o questionário, os alunos não descartam o dialogismo quando se referem ao prazer pela leitura, pelo contrário, o torna sempre presente ao afirmarem que ler por prazer é quando lêem por vontade própria, quando relacionam o prazer de acordo com o gosto e o assunto de seu interesse.

Quando os alunos definem quem gosta de ler como alguém que busca conhecimento e informação, percebemos a voz que diz que a leitura é mais do que uma questão de gosto e sim uma necessidade para adquirir conhecimentos. A leitura por fruição e entretenimento ligada ao gosto, acaba ficando excluída pela maioria dos alunos como a ideal, devido à influência da voz polifônica que sobrepõe as suas convicções.

Respondem que não costumam ler porque associam a leitura ao hábito, ao estudo, ao conhecimento, à aprendizagem e à informação, deixando assim sua ideologia ficar oculta em função do peso da obrigatoriedade, que não os deixa se envolver com a leitura, a ponto de não se considerarem bons leitores, por saber que para a escola e o vestibular, o bom leitor é aquele que lê obras literárias clássicas, e eles preferem a variedade de gêneros.

Percebe-se então, que neste grupo de alunos, suas vozes estão ocultas pelo estabelecimento da polifonia de outras vozes, fazendo com que eles enquanto sujeitos receptores de informações, apenas repitam o pensamento de outros ou da sociedade.

Embora a nossa pesquisa seja qualitativa, os números nos chamam a atenção ao constatarmos que 49% dos alunos pesquisados definem alguém que gosta de ler como “*uma pessoa que busca conhecimento e informação*”, o que é bastante significativo para a nossa análise.

A relação que os alunos fazem do gostar de ler com a aquisição de conhecimento, aprendizagem e melhoria da escrita através da

leitura, é algo muito significativo para eles, permeando quase todas as questões do questionário. Quando dizem “*sabemos que é bom ler*”, justificam este “*é bom ler*” no sentido do benefício que a leitura traz para a aquisição de conhecimento e aprendizagem, mostrando que estas características para eles, são necessárias para atingir seu objetivo. Deixando claro que esses alunos dão à leitura esta única função. Esta concepção é proveniente da Voz da Escola (VE), se fazendo muito presente na tentativa de sobressair dentre as outras vozes o tempo todo.

A leitura também é vista por eles como um meio necessário para atingir outra classe social, o que representa uma mudança na sua condição de vida. Este significado não é proveniente da Voz do Aluno (VA). Ao relatarem que a leitura faz com que se destaquem no ramo profissional, aparecem a Voz da Família (VF), a Voz do Imaginário Social (VIS), a Voz da Escola (VE) e também a Voz do Vestibular (VV). A VE incorpora a VV, por ser dela a responsabilidade de trilhar e preparar o caminho do aluno para chegar até ele. Para o aluno, o vestibular é o representante de uma possível vida profissional, e onde se refletem estas concepções de leituras que foram passadas para eles ao longo dos anos, fazendo com que o gostar de ler seja visto como uma ponte, um meio exclusivo de alcance desse objetivo. Associar a leitura à preocupação com a vida profissional também é um reflexo daquilo que foi disseminado pela VF, ele também fala a partir desta voz que lhe incutiu ao longo da vida esta concepção, lhe mostrando que uma profissão representa uma mudança e não por prazer.

A fala da família nessas circunstâncias é na verdade caracterizada por uma apropriação que faz da fala da sociedade, esta concepção reflete a VF incorporando a VIS, voz esta que representa o vestibular e as práticas de leituras ditadas por ele. Neste momento se estabelece a polifonia da VIS sobre as outras vozes, é ela quem fala mais alto nessa situação, mostrando o significado que dá ao ato de ler, o sentido da leitura, que neste caso específico é o de geradora do alcance de uma vida profissional.

Mais uma vez os números nos chamaram a atenção, 68% dos alunos pesquisados apontam que lêem por prazer quando escolhem a leitura pelo interesse.

A VA representa uma busca por leituras diversas, feitas em torno da variedade de gêneros, a partir das próprias escolhas, do direito de fazer o tipo de leitura que os agrada, de acordo com o próprio interesse, e como já foi dito anteriormente, estas escolhas determinam o prazer.

Fica claro que os alunos se colocam nas respostas quando as perguntas se referem ao sentido que dão a leitura por prazer, manifestando assim seus sentimentos em relação a ela. Tão

forte quanto a VA, é a VE, muito presente na fala dos alunos gerando uma verdadeira batalha entre essas vozes. De um lado a VA emerge defendendo a sua leitura por escolha e prazer, dando lugar ao surgimento de uma voz proveniente da sua, a voz da liberdade de escolha (VL). Essa liberdade de escolha demonstra e ocupa o lugar do desejo do aluno, desejo este que é uma consequência, embora não muito ampla, da VIS, e que representa a sua vontade de se fazer ouvir. De do outro lado está a VE, tentando superar a VA em defesa das suas práticas de leitura, e das significações que estas práticas têm para ela, o que para os alunos representa a imposição e a obrigação de leitura.

A VE lança mão de seu domínio sobre os alunos através da imposição de leituras com a cobrança do preenchimento de fichas de leitura, inserindo a leitura no cotidiano escolar a partir da quantidade e do gênero literário. Esta conduta por parte da escola faz com surja na fala dos alunos a Voz da Obrigação (VO), voz que representa a VE e que supera a VA, ao direcionarem suas leituras para aquelas que não lhes agradam. Quando seu direito de escolha é tirado, a VE suprime a VA, deixando claro que a VO mata o prazer, se tornando algo tão forte, que em alguns casos adquirir certo grau de convencimento, mudando a concepção de alguns alunos, chegando a dizer que a leitura por obrigação pode gerar prazer, que ler por obrigação também é bom.

A presença da VF e da VIS não se refletem aqui como VO por que não tem ligação direta com a imposição de leituras, consequência fatal para o prazer do aluno. Esta ligação é feita e associada à VE, é ela quem impõe, escolhe, direciona, obriga os alunos a fazerem as leituras que eles não gostam que não façam parte das suas escolhas. Essa postura da escola faz com que surja neste conflito já estabelecido, uma outra voz proveniente da VA, a Voz da Rebelião (VR), construída no que se refere à leitura, a partir da não negociação existente na relação aluno/escola, travando junto com a VA a batalha pela liberdade de escolha e consequentemente pelo prazer.

A VR e a VL estão muito ligadas, e se mostram nas colocações feitas pelos alunos, como por exemplo: “(...) sei que é bom ler, mas não gosto”, “se é para ler, tem que ser o que eu gosto”, “só leio quando estou com vontade”. A VR mostra que a obrigação não expressa valor algum para eles, não gera a motivação e nem o gosto pela leitura, ao contrário, revela um espaço de resistência que acaba criando um bloqueio, capaz de impedir o aluno de amadurecer e enxergar o bom leitor, fazendo com ele veja somente o leitor que a escola impõe o leitor masoquista que sofre para fazer suas leituras obrigadas, sem prazer e únicas, ele não consegue enxergar o leitor qualitativo como o leitor ideal.

Na questão da definição do bom leitor, buscamos colher informações a respeito do que é para os alunos ser um bom leitor. Pudemos constatar que o prazer é uma questão que vai sempre sendo retomada pelos alunos ao darem suas respostas no questionário. A comprovação disso é que 38% dos alunos disseram que o bom leitor é aquele que lê por prazer, o que representou a maioria. Outra questão que foi retomada é a que se refere à variedade de gêneros, diretamente ligada ao tipo de leitura que lhes dá prazer, ou seja, aquela leitura que eles escolhem, seja a partir de um livro, revista, jornal, quadrinhos e etc. Aquele leitor que lê e interpreta o que leu, e busca conhecimento e informação através da leitura, também foram questões muito citadas pelos alunos na busca de uma definição sobre o que é ser um bom leitor. O aparecimento dessas quatro visões a respeito de que o bom leitor é o que lê por prazer, o que lê gêneros variados, o que lê e interpreta o que leu, ou o que busca conhecimento e informação, nos mostrou o estabelecimento de duas vertentes conflituosas dentro do depoimento dos alunos.

Embora os alunos afirmem que o bom leitor é aquele que gosta de ler e lê por prazer, e reafirmarem que lêem por prazer quando escolhem suas próprias leituras, isso não se confirma no decorrer do seu relato, onde mais a frente, dizem que não gostam de ler e deixam claro que embora tenham esta concepção do bom leitor que lê por prazer, não se consideram bons leitores, o que demonstra a contradição existente nas suas respostas, justificativas e complementações.

Analisando qualitativamente estas duas questões presentes na fala deles, de que um bom leitor está associado à busca da escolha individual de leituras, e o porquê de não se considerarem bons leitores, já que de acordo com a própria visão, visão esta que mais uma vez reflete a presença da VL, fruto de seu desejo de liberdade, como foi abordado no início do questionário.

Após chegarmos a esta constatação, buscamos analisar este espaço conflituoso, repleto de múltiplas vozes, revelando o dialogismo existente na fala desses alunos. As várias concepções trazidas por estas vozes não fazem parte da sua própria voz, mas estão neles enraizadas, presentes nas respostas do questionário e determinando a sua fala.

As vozes encontradas nesta questão são: a VA, a VE, a VF, a VIS, a VV, a Voz da Religiosidade (VRL) e a Voz do Hábito (VH), proveniente da VE, da VF e da VIS. Para BARROS (1997), o dialogismo bakhtiniano define o texto como um tecido de muitas vozes ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, se correspondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto.

A VE é uma voz que está diretamente ligada à VV, juntas nesta questão, elas determinam as práticas de leitura aplicadas na escola com o intuito de levar o aluno a atingir o vestibular, reforçando a idéia de que o bom leitor é aquele que lê obras literárias clássicas, ao ler interpreta tudo que leu e busca conhecimento e informação através da leitura.

A VF e a VIS se juntam a VE e a VV reforçando as concepções de leitura ligadas ao hábito e desconsiderando aquelas escolhidas por eles, consideradas pela VF como desnecessárias, sem utilidade para eles na busca de sucesso profissional.

A VRL também determina uma prática de leitura única, a da Bíblia, que em alguns casos impede o aluno de fazer outros tipos de leitura, se fechando numa única e quantitativa leitura.

Outra questão levantada, e também de muita importância é quando eles afirmam que bom leitor é aquele que busca conhecimento. A leitura com o objetivo da busca de conhecimento é uma atividade amplamente adotada pela escola, o que gera obrigação, e mata a leitura feita por fruição, como algo secundário. Neste momento é que a VE se faz ouvir fortemente reforçando a VV e falando através dos alunos.

As respostas mostram claramente que eles consideram como sendo leitura, a leitura de gêneros literários, privilegiada pela VE, que geralmente não fazem ou fazem muito pouco, na maioria das vezes por obrigação. Afirmando que não lêem nunca, se referem à leitura literária como algo distante deles. A voz que determina esta concepção é a VH, que é uma voz proveniente da VF, da VE e da VIS.

Conclusão

O conceito sobre o que é o bom leitor, aceito pela escola, vestibular e família, e que está sendo disseminado até hoje é: *“bom leitor é aquele que lê obras literárias clássicas, interpreta o que leu, contextualiza as obras com outras lidas e mobiliza conhecimentos lingüísticos”*.

Percebe-se que ou o vestibular determina obras literárias como de suma importância quantitativa ou ele reforça uma idéia que já está cristalizada. As informações recolhidas nos manuais das Universidades pesquisadas e no questionário dos alunos podem nos dar uma direção a esse respeito.

Foi possível verificar que os alunos têm uma boa concepção em relação ao gosto e o prazer pela leitura e sobre o que vem a ser o bom leitor, mas não se assumem como sendo bons leitores em função do único referencial que têm sobre leitura, aquele vindo da escola e da sociedade, que por sua vez, vem continuamente, repetindo as mesmas concepções e práticas de

leitura, o que não tem gerado um amadurecimento por parte dos alunos.

A escola para resolver essa questão poderia criar um espaço de negociação entre ela e o aluno ao definir uma metodologia e prática efetiva de leituras, dando ao aluno uma liberdade de participação e conseqüentemente abrindo caminho para o trabalho com o gênero literário clássico, minimizando assim a obrigação. Com este caminho aberto, a escola faria uma interação entre os gêneros primários e os secundários efetivando essa aproximação com os alunos.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARROS, DLP. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, DLP; FIORIN, JL. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. Em Torno de Bakhtin. São Paulo: 1997.

BRANDÃO, HN. **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, v. 5, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.

KRAMER, S; LEITE, MI. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1996.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para o mundo da leitura**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

LOPES-ROSSI, MAG. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté – SP: Cabral, 2002.

OLIVEIRA, CA. **Estudos em lingüística aplicada sobre o ensino da Língua Portuguesa**. Taubaté – SP: Cabral, 2004.

SILVA, ET. **A produção da leitura na escola. Pesquisas X Propostas**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

ZILBERMAN, R; SILVA, ET. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.